

Investimentos externos tendem a crescer no Brasil com o conflito

A avaliação é de Rossano Maranhão, vice-presidente da área do Banco do Brasil

SHEILA D'AMORIM

BRASÍLIA - O Brasil tem melhores condições de passar por este período de guerra do que se imaginava no início do ano, avalia o vice-presidente da área internacional do Banco do Brasil, Rossano Maranhão. A queda na percepção de risco do País e as bem-sucedidas captações externas feitas nos últimos dias são a prova, diz ele. No dia em que os EUA deram o ultimato ao Iraque, lembra, o BB captou US\$ 120 milhões, pelo prazo de 7 anos. Aqui, os principais trechos da entrevista.

Estado - Num cenário de guerra e de grande indefinição quanto à economia dos EUA, há espaço para conti-

nuar a retomada da inserção brasileira no mercado de capitais internacional?

Rossano Maranhão - Independentemente de qualquer coisa, o investidor institucional, bancos, agentes econômicos em geral precisam de boas alternativas para aplicar seus recursos. Vemos a retomada das linhas de crédito, melhora nas captações externas e a percepção por parte dos investidores da determinação do governo com a política macroeconômica. Com a guerra, quem detém os recursos estará mais seletivo nas aplicações, e o Brasil estará entre os selecionados.

Estado - O que vale para o BB vale para o setor privado em geral?

Maranhão - A aversão ao risco, quando acontece, é geral. Pode haver uma percepção de risco ligeiramente diferenciada de uma empresa para outra. Quando a política macroeconômica não está adequada às expectativas, dificilmente alguma institui-

Com a guerra, quem detém os recursos estará mais seletivo nas aplicações, e o Brasil estará entre os selecionados



Rossano Maranhão: "Estamos num processo de recuperação"

ção passará incólume. O risco Brasil vem caindo de forma bem forte.

Estado - Mas o País não está perto dos 700 pontos de meados de 2002.

Maranhão - Mas chegamos a ter 2.400 pontos. Estamos num processo de recuperação.

Estado - Com a guerra, o nível pode subir?

Maranhão - Não acredito. Até porque a necessidade de aplicação de recursos continua e as oportunidades existem. O Brasil é altamente atrativo.

Estado - Com a guerra, o setor privado brasileiro não estará mais receoso de tomar

emprestimos no exterior?

Maranhão - É difícil afirmar. Não sabemos as consequências pós-guerra. O fato relevante é o que acontece hoje. A guerra não é novidade para ninguém e, ainda assim, o risco País está em queda.

Estado - O País conseguiu se diferenciar?

Maranhão - Temos condições de passar por essa guerra melhor do que imaginávamos no início do ano. O risco está em queda, as captações aumentaram, as linhas interbancárias voltaram. Em menos de três meses, o BB captou US\$ 220 milhões no mercado externo, pelo prazo de 7 anos. Não são possibilidades, mas fatos.